

## LUDWIG FEUERBACH E A CRÍTICA À IDEIA DE DEUS, BASEADA NA RELAÇÃO HOMEM / NATUREZA

Adila Ferreira De Almeida<sup>101</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo propor uma breve análise acerca da crítica às religiões monoteístas e da existência do Deus cristão por Ludwig Feuerbach. A crítica do filósofo alemão se funda em uma análise sobre a relação entre a natureza e o homem, relação esta que se inicia como condição *sine qua non* para a existência humana, mas se transforma radicalmente com a transformação das religiões; o homem rejeita a natureza como ente supremo, sendo esta substituída por um ente supremo abstrato: *Deus*. Feuerbach apresenta o Deus das religiões deístas como sendo uma projeção humana. Com efeito, as diferenças entre os deuses são diferenças entre os homens, diferenças entre essência e existência. Assim nos apresenta Feuerbach a diferenças entre os homens e os deuses.

**Palavras-chave:** Deus. Religião. Homem. Natureza.

## LUDWIG FEUERBACH AND THE CRITICISM TO GOD'S IDEA, BASED ON THE MAN / NATURE RELATIONSHIP

**ABSTRACT:** This study aims to propose a brief analysis about the criticism of the monotheistic religions and the existence of the Christian God by Ludwig Feuerbach. Criticism of the German philosopher is based on an analysis of the relationship between nature and man, a relationship that begins as a *sine qua non* for human existence, but radically transformed with the transformation of religions; man rejects nature as supreme being, which is replaced by an abstract supreme being, God. Feuerbach shows the God of deistic religions as a human projection. Indeed, the differences between the gods are differences among men, differences between essence and existence. Thus Feuerbach presents the differences between men and the gods.

**Keywords:** God. Religion. Man. Nature.

### Introdução:

Ludwig Feuerbach é sem dúvida uma das principais figuras intelectuais do século XIX – apesar do isolamento e preconceito acadêmico sofrido pelo filósofo. Sua filosofia ganhou importância maior quando o filósofo alemão passou a rejeitar as ideias idealistas reinantes na Alemanha do séc. XIX. Tal pensamento idealista alemão

---

<sup>101</sup> Mestrando em filosofia pela UECE. E-mail: adilaceara@hotmail.com.

sustentava-se através da influência imposta pelo pensamento de F.W. Hegel<sup>102</sup>, o maior nome do movimento do idealismo alemão; movimento que era visto por seus críticos como uma defesa da ordem estabelecida, já que para os idealistas o movimento real das coisas seria um movimento ideal, repleto de razão. Por se opor a tal pensamento idealista e propor uma análise da realidade concreta a partir dos fenômenos naturais e da ação humana, Feuerbach é considerado o primeiro grande filósofo do materialismo alemão moderno, e grande influência para Karl Marx<sup>103</sup>.

Em sua tentativa de superar o idealismo dominante na Alemanha, o próprio Feuerbach nos afirma em suas, *Preleção sobre a Essência da Religião*<sup>104</sup>, sua disposição em rejeitar e combater a filosofia hegeliana:

A religião, o objeto dessas preleções, está intimamente ligada à política, mas nosso interesse principal não é no presente a política teórica e sim a política prática. Queremos participar da política ativa e diretamente, porém falta-nos a tranquilidade, o ânimo para ler e escrever, ensinar e aprender. Já de há muito nos ocupamos e satisfazemos com o discurso e a escrita; exigimos que finalmente a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto de idealismo filosófico quanto do político; agora queremos nos tornar materialistas políticos<sup>105</sup>.

E continua sua crítica ao idealismo alemão, em especial ao hegelianismo, propondo uma nova forma de pensamento filosófico, uma nova filosofia:

A reforma da filosofia só pode ser a necessária, a verdadeira, a que corresponde à necessidade da época, da humanidade. Em períodos de decadência de uma concepção do mundo de alcance histórico, há certamente necessidades contrárias – a uns é ou parece necessário conservar o antigo e banir o que é novo; para outros, é imperativo realizar o novo<sup>106</sup>.

Sua crítica encontrará alguns admiradores, entre eles os novos hegelianos; em especial Karl Marx, assim como seu grande parceiro de materialismo histórico, Friedrich Engels. Sobre tal influência nos fala Hylario Correa, na introdução à obra de

---

<sup>102</sup> As universidades alemãs estavam impregnadas pela influência de Hegel, já que este era visto como a grande figura capaz de elevar o poder da razão e do pensamento filosófico acima de qualquer outra ciência. Com efeito, seus opositores passam a cair no esquecimento, e mesmo sendo, Feuerbach, uma das figuras que mais influenciou o pensamento alemão no século XIX, não escapou da perseguição hegeliana.

<sup>103</sup> Feuerbach exerceu uma enorme influência sobre Karl Marx, principalmente no início de sua vida intelectual. Marx passará a guiar seu pensamento seguindo os passos de Feuerbach, até romper definitivamente – na década de 1840 – seus laços com este.

<sup>104</sup> FEUERBACH, Ludwvig / *Preleções sobre a essência da religião*: Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989.

<sup>105</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 11.

<sup>106</sup> *Ibid*, pag. 13 – 14.

Engels sobre Feuerbach<sup>107</sup>, onde este autor nos dá uma pequena mostra de como Marx e Engels definiam a importância de Feuerbach para a filosofia alemã: “Não se pode negar a preponderância de Feuerbach no movimento intelectual de sua época. Pode-se mesmo considerar a sua entrada na arena filosófica como um verdadeiro marco de partida para o materialismo”<sup>108</sup>.

Feuerbach dedicará toda a sua vida intelectual a crítica da religião; e é justamente por conta desta persistência ideológica que Marx romperá sua relação intelectual com Feuerbach, já que para Marx a crítica religiosa não ultrapassa o estado das ideias, com efeito, é infrutífera para o pensamento materialista; o materialismo de Feuerbach dará lugar então ao materialismo histórico de Marx. Sobre esta insistência em trabalhar com tal tema, Feuerbach nos afirma nas mesmas *preleções*, acima citada:

Não obstante esta distinção de minhas obras têm todas ela rigorosamente falando, uma única meta, um intento, um pensamento, um tema. Este tema é exatamente a religião e a teologia e tudo o que com isso se relacione. Eu pertencço a uma classe de homens que prefere uma especialidade frutífera a uma versatilidade ou um pseudo-enciclopédismo infrutífero que para nada serve; pertencço à classe que durante toda a vida tem somente uma meta diante dos olhos e nesta tudo concentra<sup>109</sup>.

Para Marx o materialismo deveria ultrapassar a crítica religiosa já que esta mesmo sendo apresentada de forma concreta e real por Feuerbach, não ultrapassaria o pensamento idealista; a batalha religiosa é uma batalha de ideias. Reside então nesta afirmação de Feuerbach em se apresentar como um filósofo de um tema apenas – tema esse que consumirá seus esforços intelectuais – o rompimento entre os dois intelectuais materialistas. Feuerbach não se abalará com as críticas recebidas por conta de sua dedicação integral à crítica da religião e afirmará com autoridade que estuda o máximo de temas possíveis, mas se dedica em apresentar um tema que represente todo o seu pensamento.

O que não é questionável na obra de Feuerbach é a sua posição materialista, mesmo tratando tão intensamente de religião, já que Feuerbach afirma claramente que sua concepção de religião seria a seguinte: *religião é antropologia*. Ao afirmar tal

---

<sup>107</sup> Ver em: *Luiz Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*: ensaio de filosofia dialética. Versão e introdução de Hylário Correa. Curitiba: Ed. Guaíra, 1946 (Estante do Pensamento Social, 2).

<sup>108</sup> *Ibid*, pag. 14.

<sup>109</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 14 – 15.

proposição, o estudo das religiões passará pelo estudo direto dos homens. As diferenças existentes entre os deuses são de fato, para Feuerbach, a diferença entre os homens.

Dessa forma, nosso trabalho se divide em três partes. Na primeira parte, examinaremos o conceito de religião da natureza apresentado por Feuerbach, onde o filósofo apresenta esta forma primeira de religião em oposição à teologia cristã. Na segunda parte trabalhamos com a ideia de Deus como criação do homem. Na terceira parte a análise se dará sobre como o egoísmo humano atua diretamente na formação da ideia de Deus.

### **1. O papel da natureza na criação das religiões.**

Todo o conceito válido de religião surge da religião primeira: a religião da natureza. É assim que Feuerbach define sua tese e assim irá propor a análise das religiões. Assim como os filósofos gregos pré-socráticos – e também Aristóteles – haviam feito na Grécia antiga, Feuerbach propôs na observação da natureza a busca pelo conhecimento verdadeiro sobre o objeto estudado, em seu caso as religiões, já que segundo suas análises é a natureza a mãe de todas as religiões.

Ao trabalhar com esta ideia, Feuerbach não se contentou com as bizantinas disputas metafísicas acerca da existência ou não de um ser divino e da defesa ou crítica de uma religião verdadeira, rejeitou categoricamente a utilização da metafísica nesse sentido, partiu então para a prática; se isolou junto à natureza, pois queria – assim como os povos mais primitivos – sentir a comunhão entre o homem e aquela que o filósofo chama de sua mãe. De sua experiência ele nos fala: *“Somente no comércio imediato com a natureza, sente-se o homem saudável, despe-se de todas as ideias excêntricas, sobre e antinaturais”*<sup>110</sup>.

Para Feuerbach, religião é um movimento em que as ideias abstratas ganham realidade sensível, mas para tal deve ter como partida o próprio sensível e não o abstrato. Aqui encontramos a principal característica da filosofia Feuerbachiana, e do materialismo moderno; a busca da verdade por meio da abstração do sensível, tendo

---

<sup>110</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 13.

neste seu ponto de partida e de chegada. Foi a partir de tal posição que Feuerbach ganhou a admiração de Marx. Era com esse método que se fundava a religião da natureza; sua realidade sensível era de fato sensível, o único ponto de partida possível. Nas religiões teístas, esta realidade sensível continua como abstração, um movimento ideal. Tal perspectiva metafísico-idealista ganhou mais força com o desenvolvimento do deísmo cristão medieval e o uso da razão.

A materialização ideal de tal movimento abstrato é a tentativa de tornar sensíveis as ideias sobre a imortalidade; para os gregos antigos após a morte do corpo apagar-se-iam as experiências sensíveis da memória, somente a parte pensante seria imortal o restante seria fantasia. Assim a tradição teísta (em especial o monoteísmo cristão) continua nesta mesma tentativa fantasiosa (na visão de Feuerbach) de imortalidade. Diferente dos gregos antigos, os cristãos (por exemplo), tornam imortais as experiências sensíveis da memória com a intenção de tornar imortal sua maior fantasia: Deus todo poderoso.

Contraopondo-se a ideia religiosa de imortalidade, Feuerbach afirma que a imortalidade não é fantasia ou algo místico; ela passa a ser encarada como os reflexos das ações humanas durante sua existência; é imortalidade individual, antropológica, ética e moral. A imortalidade fantasiosa retira do homem sua responsabilidade junto a suas ações e as direcionam para sua fantasia imortal, as responsabilidades do homem passam a serem – então – responsabilidades com seu Deus, com efeito, a única responsabilidade do homem é com esse Deus, destarte, sua relação com a natureza se desfaz, mesmo sendo a natureza quem garante a manutenção e perpetuação da vida humana; social e biológica.

Por acreditar que é de fato a natureza quem garante a manutenção e perpetuação da vida dos homens, Feuerbach afirma que não há dúvidas que a primeira religião universal dos homens foi à religião da natureza. Nela seus deuses eram entidades naturais; tais religiões demonstram a relação de dependência do homem perante a natureza, mas acima de tudo demonstram a necessidade de se apoderar dela. A manifestação mais clara dessa necessidade estava no culto onde o homem apoderava-se dela diretamente.

Aqui usarei poucas palavras, porque já é quase que reconhecido que a mais antiga e primeira religião do homem é a religião da natureza, que mesmo os deuses posteriores, espirituais e políticos dos povos como gregos e germanos foram originalmente apenas entidades naturais. [...] A natureza não era então, e não é ainda hoje nos povos rudes, objeto de adoração religiosa como símbolo ou instrumento de um ente ou deus oculto por detrás da natureza, mas com tal, como natureza<sup>111</sup>.

Foram às religiões teístas, em especial o deísmo cristão medieval, que deram caráter negativo as religiões<sup>112</sup>. A não submissão do homem à natureza virou a submissão do homem sobre seu deus. Assim o filósofo nos afirma:

Foi exatamente o deísmo, a teologia, que fez do homem um eu e um ser acima da natureza, vaidoso, isolado, arrancado de sua conexão com o mundo. E só nesse momento identifica-se a religião com a teologia: com a crença num ser extra e sobrenatural, como um ser verdadeiro, divino<sup>113</sup>.

As religiões deístas retiram a verdadeira essência das religiões: “Originalmente nada mais expressa a religião que o sentimento que o homem tem de sua conexão, de sua unidade com a natureza”<sup>114</sup>, e trazem como essência para sua afirmação a seguinte máxima: *O mundo é inexplicável sem um Deus todo poderoso*, assim só há neste mundo – teológico – aquilo que Deus acha que deve existir. Ao acreditar em tal explicação, a natureza e tudo mais que existe no mundo passam a serem vistos como submissos ao poder do todo poderoso, com efeito, o mundo seria imaginário e só Deus seria real. Segundo Feuerbach, essa conclusão se configura na primeira reversão da religião, já que para nosso autor o mundo é real e Deus é o abstrato. Se o mundo é real, então Deus é que seria supérfluo. Para Feuerbach nessa primeira inversão na realidade dos homens, a natureza foi trocada pela fantasia.

A religião da natureza trazia o homem para comunhão com o mundo vivo; a religião deísta afasta o homem da natureza. O homem reconhecia na natureza sua própria essência, na religião teísta ele se reconhece em seu Deus. Com efeito, a religião passa a ser guiada por egoísmo. Na religião da natureza adorava-se o sol, a água, o vento, as árvores e também os animais<sup>115</sup>. Se os elementos da natureza foram divinizados por sua importância para o homem, também a adoração aos animais se fez

---

<sup>111</sup> *Ibid*, pag. 37.

<sup>112</sup> O caráter negativo – aqui descrito – reside no rompimento dos laços harmoniosos entre o homem e a natureza.

<sup>113</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 37.

<sup>114</sup> *Ibid*. Pag. 37.

<sup>115</sup> Ver em obra citada.

por necessidade. Dos homens mais primitivos aos egípcios e indianos, animais foram considerados deuses, não por um poder ou iluminação espiritual, mas por sua importância junto a manutenção e perpetuação da vida dos homens. Em nenhum momento da religião da natureza o homem – mesmo guiado por egoísmo – fez culto à fantasia, já que seus deuses viviam junto a eles.

## 2. Deus como criação humana.

Da relação conflituosa com a natureza e o aumento do poder vaidoso do egoísmo humano, Deus nasceu como imagem e semelhança dos homens. Assim afirma Ruben Alves:

Mas Feuerbach aceita que as velas que acendem e as canções que entoa se abrem para o vazio. Diz a canção: “Saudade é o revés do parto; é arrumar o quarto para o filho que já morreu”. Feuerbach diria: “Religião é o revés do parto; é arrumar o quarto para o pai que não nasceu...” [...] O fogo do pensamento de Feuerbach, precursor da psicanálise, está na sua afirmação de que todo o nosso pensamento sobre Deus é pensamento sobre nós mesmos<sup>116</sup>.

O homem Criou seus deuses e todo o pensamento sobre estes é pensamento sobre si mesmo. Muitos pensadores já haviam falado isso, mas nenhum o fez com tanta convicção e entusiasmo quanto Ludwig Feuerbach.

A tentativa do filósofo em demonstrar que Deus é um reflexo do próprio homem – e promover um movimento dialético que levasse o homem a se libertar de sua alienação religiosa – reside em apresentar nas qualidades espirituais do Deus todo poderoso as qualidades sensíveis dos próprios homens. Feuerbach propôs, então, uma reversão antropológica na primeira inversão teológica entre o abstrato e o concreto (Deus fantástico sendo substituído pela natureza sensível), já que a teologia já havia promovido sua inversão quanto à religião da natureza, onde o Deus natureza foi substituído por um Deus fantástico imagem dos homens.

Entretanto é consequência de minha doutrina que não existe nenhum Deus, ou seja, nenhum ente abstrato, supra-sensível, diverso da natureza e do homem, que decide sobre o destino do universo e da humanidade a seu bel-prazer; mas essa negação é apenas uma consequência do conhecimento da essência de Deus, do conhecimento de que esse ser nada mais expressa do

---

<sup>116</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 08.

que, por um lado, a essência da natureza, do outro lado, a essência do homem<sup>117</sup>.

O Deus fantástico nasce então do conflito entre homem e natureza. Desta forma o filósofo apresenta a Criação de Deus – pelo homem – a partir de três princípios: Finitude, Medo e Dependência.

O homem é o ser mais poderoso do planeta; sabe disso e se sente de fato poderoso. Partindo dessa ideia, deve sua existência biológica somente a quem de fato garante sua existência biológica. Em seu conflito com a natureza, esta (a natureza) não poderia ser mais a garantidora de sua existência, pois ao se reconhecer como poderoso não aceita ele (o homem), a submissão perante à natureza, e a nega como mantenedora de sua existência, já que ao modificá-la os homens acreditam possuir mais poder do que ela; assim um ser fantástico que garanta a existência humana não seria na realidade mais poderoso que o homem, já quem mesmo ele em toda a sua graça poderia manter a existência biológica dos homens.

As coisas na teologia não são pensadas e desejadas porque elas existem, mas elas existem porque são pensadas e desejadas. O universo existe por que Deus pensou e quis, porque Deus agora o pensa e quer. A ideia, o pensamento, não é abstraído de seu objeto, mas o conhecimento é o produtor, é a causa do objeto pensado por ele<sup>118</sup>.

É o homem o ser que modifica a terra a sua maneira; é esse homem quem está em contato direto com a natureza e dela retira o necessário para sua existência e a ela deveria agradecimentos e devoções. A sensação de que pode modificar a natureza lhe deu bastante poder, então a posse da natureza não deveria, como regra, ser regulada pela própria natureza mais sim pelo próprio homem. Assim foi a tomada da natureza pelo homem que passa a produzir, a partir da natureza, os mais extraordinários feitos.

### **2.1. Da finitude humana, do medo e da dependência.**

Durante toda a sua existência o homem é grande e só se torna pequeno na hora da morte. É aí que surge a necessidade de deuses. Se o homem fosse eterno não haveria necessidade de deuses; o homem se reconhecia diretamente como Deus, eliminando a necessidade de uma fantasia religiosa, Deus é infinito e o homem é finito. É este o

---

<sup>117</sup> Ibid. pag.29.

<sup>118</sup> Feuerbach, L. *Princípios da filosofia do futuro*, pag. 102.

conceito de finitude ao qual Feuerbach irá denunciar como uma das causas da criação de Deus.

O homem só adora Deus (ou seus deuses), na dificuldade, na eminência de sua finitude; o homem não adora o Deus bondoso, ele adora a fúria do Deus que pode dar fim a sua vida. Para Feuerbach, os homens não compreendem o conceito de infinitude humana, já que buscam uma vida sensível eterna – baseada em seus atos – e não uma vida espiritual eterna – baseada em sua obra. O homem não se reconhece em sua obra e assim sente cada vez mais a necessidade de se tornar imortal.

Mas o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem é o sentimento ou a consciência de que ele um dia certamente acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião. Nada existe de mais poderoso, diz Sófocles na Antígona, que o homem; ele navega sobre o mar, remove a terra, doma os animais, protege-se contra o calor e a chuva, conhece meio para tudo – só a morte não pode evitar<sup>119</sup>.

O único medo que atinge todos os homens é o medo causado por sua finitude, este homem necessitava – para superar seus medos – tornar-se infinito. Uma das causas da tentativa de buscar o infinito reside na constante pergunta feita aos dogmáticos: qual a causa primeira de todas as coisas?

A resposta para tal questionamento foi construída por meio do pensamento escolástico e edificada em especial no pensamento de Tomás de Aquino, onde se afirma que a causa primeira é infinita e superior, e como causa infinita e superior, transcende a existência material. Como exposto, o homem deseja a infinitude, mas não é ele finito? Sendo finito nunca poderia ser o homem proveniente do homem; tal assertiva se configura em um problema para o ego do *rationalis homo*, isso lhe causa medo. Por não reconhecer a natureza como superior e não aceitar a ela se submeter, por saber que sua finitude não lhe permite ser a causa primeira, o homem busca então a infinitude na fantasia.

A busca da infinitude na fantasia foi boa para o homem. Feuerbach explica que toda causa é dependente de seu efeito, já que sem ele (o efeito) não existiria (a causa) como causa. Se Deus todo poderoso é a causa do mundo e o mundo é um efeito de

---

<sup>119</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 37.

Deus, não seria então Deus dependente do mundo? Se for dependente então pode da mesma forma se tornar efeito, já que nesse caso há uma relação ambígua entre causa e efeito; assim não seria então Deus um efeito do mundo?

A dependência cria as causas e seus efeitos, reais e abstratos. A única causa em que os homens podem depender, e reconhecer diretamente é a sua relação com a natureza sensível, já que mesmo na teologia a causa da natureza é Deus, seu efeito é a natureza sensível, mas Deus é abstrato: uma causa abstrata para um efeito sensível. Mais uma vez aparece a natureza como única causa sensível; dessa forma todos os predicados de Deus – assim como sua aparência – são predicados e aparência da natureza. É assim quando se fala que Deus é bondoso e proporciona ao homem campos férteis para plantação ou que Deus está chateado demonstrando que o céu está cinza. Em ambos os casos o sujeito abstrato pode ser trocado pelo sujeito concreto.

Por sua consciência de finitude, seu medo e sua dependência de algo para tornar-se infinito o homem busca no abstrato, na fantasia, aquilo que gostaria e procura para si próprio. O homem adora Deus por puro egoísmo.

### **3. Deus é a materialização do egoísmo dos homens.**

Em sua recusa de submissão à natureza, o homem passa então a submeter-se ao fantástico, cria a ideia de Deus. Deus é uma representação do egoísmo humano, assim sua bondade representa aquilo que o homem deseja para si próprio (isso se explica na tentativa do religioso de rezar para que as coisas em sua vida sejam boas e prazerosas), e sua maldade nada mais é do que aquilo que o homem acredita que não é capaz de controlar (assim se reza para que nada de mal aconteça, já que está para além da vontade humana a recusa sobre os fenômenos naturais).

O homem é egoísta quando apresenta a ideia de que é a imagem e semelhança de Deus, com efeito, o homem se apresenta como Deus, a materialização real do ser abstrato ideal. Deus existe para cuidar do homem, se não fosse assim não haveria necessidade de tal entidade existir. O homem reza e Deus atende, basta que o homem lhe reconheça como “seu” Deus; o criador é totalmente dependente da criatura. É esta criatura quem decide como o criador deve atuar no mundo, disfarçando isso na forma de

pedido clamoroso ao Deus onipotente. Assim o Deus cristão e uma representação concreta do homem cristão e os deuses pagãos são a representação concreta do homem pagão. Cada homem regula seu Deus, com efeito, cada Deus regula sua nação e desta forma as nações vão se diferenciando uma das outras por conta de seu Deus. Segundo Feuerbach, com essa exposição, o estudo das religiões não pode ser outra coisa que o estudo das sociedades, a teologia nada mais é do que a transformação fantástica da antropologia em religião, e o estudo de Deus não é nada mais, do que o estudo do egoísmo humano<sup>120</sup>.

Feuerbach acredita que a essência de Deus é a mesma essência do homem, uma essência egoísta que busca a todo o momento se satisfazer, sendo esse o motivo que leva o homem a se afirmar e afirmar seu egoísmo nesse tipo de relação. Assim as religiões teístas (em especial as cristãs) são profundamente egoístas e preocupam-se apenas consigo mesmo, isso se explica pelo fato de ser a sua avaliação algo pessoal. Deus nesse contexto surgiu como a personificação do bem. A moral torna-se algo divino e perfeita sendo assim a meta da humanidade:

De fato, o bem que um homem pratica não se deve somente a sua própria decisão, não é somente uma obra de sua própria vontade, mas também o resultado das condições, relações e circunstâncias naturais e sociais nas quais o homem foi gerado. O egoísmo mais grosseiro, baixo e supersticioso é crer que essas condições, circunstâncias e ambiências e que as tendências e intenções que surgem em mim sob a influência delas são baseadas nas intenções e nas decisões de um Deus<sup>121</sup>.

Feuerbach questiona se o amor desse Deus é divino ou humano (disciplinador), pois nele aparecem grandes proporções de egoísmo e divisionismo. A perspectiva de Feuerbach é, portanto forte e irônica; deve-se renunciar a Deus em favor do amor e contra o egoísmo. Na visão de Feuerbach essa seria a única maneira da humanidade não ser subjugada pelo fanatismo. No entender feuerbachiano, os cristãos também são – ainda que não confessem – panteístas, afinal todos eles afirmam que seus corpos são templo e morada de Deus, o que se configura em um fanatismo que propicia as mais

---

<sup>120</sup> Algo parecido na forma – mas diferente no conteúdo – afirmou Karl Marx ao abandonar as influências feuerbachianas que o direcionaram durante sua juventude intelectual, demonstrando que não seria mais necessário a permanência e insistência na crítica à religião, em sua introdução a filosofia do direito de Hegel, o autor de o Capital afirma que “A crítica do céu é a crítica da terra, a crítica de Deus e a crítica do homem e a Crítica da religião é a crítica da economia política”. Ver em [www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/introducao.htm](http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/introducao.htm).

<sup>121</sup> Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, pag. 139.

diversas formas de opressão. Reside aí a tentativa de nosso autor em analisar com mais precisão o Deus Cristão. É nessa análise que ele consolidará sua ideia de que os deuses são criados e divinificados a partir do egoísmo humano.

### **3.1 O Deus cristão, exemplo mais concreto de egoísmo humano.**

Feuerbach explica que para melhor entendermos a questão do Deus pessoal do cristianismo é necessário observarmos a passividade do ser humano quanto ao seu sentimento de medo, criando a passividade religiosa. O seu amor próprio (amor à humanidade) parece se perder diante do amor a Deus (amor a si próprio). Para Feuerbach o Deus do cristão é onírico, é sonho. O todo poderoso cristão é aquele que reúne e realiza o desejo e a realidade, sendo o único capaz de realizar, portanto, o milagre: “O milagre deve ser a prova concreta de que o milagroso é ser onipotente, sobrenatural, divino”<sup>122</sup>.

Se qualquer instrumento natural de sua adoração está determinado pela busca do homem de conservação e conforto de sua essência, então este movimento ontológico e psíquico do homem é determinado pelo egoísmo. O egoísmo é o fundamento e o caráter determinante de toda adoração, de toda religião. É também classificado como amor que não tem a meta em Deus, seja na teologia ou metafísica, mas amor no próprio homem, por isso o sentido de egoísmo está em oposição ao sentido teológico e cristão. Assim nos fala Feuerbach:

Entendo por egoísmo o fazer valer-se a si mesmo conforme a natureza e, conseqüentemente (porque a razão do homem nada mais é do que a natureza consciente do homem) conforme a razão, o afirmar-se a si mesmo do homem diante de todas as instâncias antinaturais e anti-humanas que a hipocrisia teológica, a fantasia religiosa e especulativa, a brutalidade e o despotismo político impõem ao homem [...] Entendo egoísmo como o amor do homem por si mesmo, ou seja, o amor pela essência humana, o amor que é o impulso para a satisfação e aprimoramento de todos os anseios e talentos, sem cuja satisfação e aprimoramento ele não será nem poderá ser um homem verdadeiro, completo [...] Entendo egoísmo como o amor do indivíduo por indivíduos de sua espécie; porque o que sou sem eles? O que sou sem o amor a essência de meu semelhante? [...] Em resumo, entendo por egoísmo aquele

---

<sup>122</sup> *Ibid.* pág. 199.

instinto de conservação pelo qual o homem não se sacrifica, não sacrifica sua inteligência, sua sensibilidade, seu corpo<sup>123</sup>.

O egoísmo humano é um sentimento natural e necessário que de alguma forma promove à dignidade humana – o homem sacrifica animais e não homens (salvo alguns casos históricos). É um instinto de conservação de si, nesse sentido, o egoísmo humano é uma relação de amor do homem para com o homem.

Feuerbach observa que o sentimento religioso se instaura no homem estimulado pelo seu próprio egoísmo, ou seja, o instinto de preservação. O egoísmo, para Feuerbach, é também o sentimento de dependência da vida humana relativo a tudo que o rodeia, fora do qual ela se extingue. Portanto de “bênçãos” e “flagelos” terem sido – e ainda serem – creditados a ação dos deuses, que são cultuados com o respeito devido somente àquilo acerca de que não se tem controle senão a submissão que tanto seduz a humanidade. Tal atitude há, naturalmente, a pressuposição de animar cada um desses objetos de veneração o mesmo impulso volitivo sentido pelo homem em si próprio.

### **Conclusão:**

Ao analisarmos o pensamento de Feuerbach, fica clarividente que há uma diferença essencial entre este autor e a tradição crítico-religiosa; já que Feuerbach não combate à ideia de Deus utilizando-se da metafísica ou do empirismo, como assim o fizeram outros autores<sup>124</sup>, muito menos se utilizando da física. Feuerbach é claramente um filósofo materialista; propõe uma antropologia filosófica de ordem ontológica que promova uma reversão entre os entes utilizados na religião; a abstração sendo substituída pela realidade sensível, como assim o era na religião da natureza.

Ao promover esta ideia, Feuerbach se atentará em um alvo fixo – não ultrapassa a crítica à religião – mas deixou o caminho aberto para que seus contemporâneos desenvolvessem um pensamento ontológico baseado no movimento real das coisas, dando um duro golpe no idealismo alemão. Foi Karl Marx, aquele que mais se beneficiou do pensamento feuerbachiano, assim nos fala Hylario Correa (1946):

---

<sup>123</sup> *Ibid.* pág. 50.

<sup>124</sup> Entre estes autores podemos destacar o iluminista francês François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire.

Faltava, entretanto, o grande toque de gênio que abandonando o mecanismo para onde se desviava a teoria materialista, interpretasse e continuasse a dialética hegeliana, aplicando-a a explicação do desenvolvimento social por meio das contradições que dominam a sociedade. Foi este o grande mérito de Karl Marx [...] <sup>125</sup>.

Foi justamente Karl Marx (o mais beneficiado pela filosofia de Feuerbach), aquele que promove a principal crítica a Feuerbach, crítica essa encontrada nas famosas teses sobre Feuerbach. Como um materialista, e ao questionar e apresentar argumentos sólidos contra o idealismo predominante de sua época, Feuerbach esteve a um passo de modificar as bases do pensamento filosófico de uma maneira tão revolucionária que ultrapassaria o idealismo e influenciaria toda a forma de pensar subsequente; não fez isso, não compreendeu os movimentos que modificam as sociedades e as épocas históricas (por falta de interesse, já que a situação social da Europa e em especial da Alemanha, lhe proporcionaria tal condição). Coube a outros tal realização, este talvez seja o maior mérito de Karl Marx – compreender e desenvolver o materialismo feuerbachiano.

Para além da crítica, o antigo discípulo de Hegel, não abandonará seu principal objetivo: a busca por compreender o que levou os homens a criarem Deus. Para o filósofo não há dúvidas sobre a existência de Deus; à entidade fantástica não existe, não é mais que uma representação egoísta do homem edificada através de seu medo, de sua finitude e de sua dependência de algo; o ente sensível existe e se encontra no egoísmo de cada um que cria seu deus. A questão passa então a ser mais clara: de onde veio a ideia de Deus. É aí que o filósofo, passeando pela história das religiões, apresenta o conflito entre o homem e a natureza, onde o homem não mais aceita a submissão perante a natureza. Ao modificar sua antiga deusa (a natureza), o homem se sente poderoso; daí reside o conflito e estranhamento entre as duas grandes forças sensíveis do planeta: *O homem e a Natureza*.

Sem abrir mão deste objetivo, as obras de Feuerbach flutuam entre a genialidade intelectual e a obviedade ingênua (em muitos casos o autor não apresenta os motivos e

---

<sup>125</sup> ENGELS, Friedrich / *Luiz Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã: ensaio de filosofia dialética*. Pag. 9.

argumentos que expliquem suas afirmações<sup>126</sup>), fazendo com que sua filosofia seja alvo de intensos e acalorados debates teóricos.

Polêmicas a parte, Feuerbach não se encolherá perante a história do pensamento filosófico ocidental, figurando sempre entre aqueles que mais influenciaram as gerações posteriores. Pelo contrário, denunciará abertamente sua intenção ao criticar a religião: Deus é uma fantasia e isso não deixa dúvidas. É assim que conhecemos Ludwig Feuerbach.

### Referências:

CHAGAS, F. Eduardo; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. (Organizadores.) / *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ENGELS, Friedrich. *Luiz Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã: ensaio de filosofia dialética*. Versão e introdução de Hylario Corrêa. Curitiba: Ed. Guaíra, 1946 (Estante do Pensamento Social, 2).

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*: Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, 1988.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843*; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus ; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2.ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl Heinrich (1818 – 1883) – *Teses sobre Feuerbach (1845)*. Versão para eBook. Ed. Ridandat More 1999.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. / *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, 2º Ed.

---

<sup>126</sup> Assim acontece quando Feuerbach, por exemplo, não explica o porquê de o homem venerar como deuses animais que não interferem diretamente em sua vida, já que em sua explicação ele alerta que o homem só cria deuses que lhe são úteis em sua vida sensível. Assim o culto a animais rasteiros, crocodilos, ursos, entre outros, são apresentados como deuses pelo filósofo, mais a explicação quanto a sua utilidade não é demonstrada.